

Fernanda Tarabal Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS, Brasil)

fernanda.tarabal@ufrgs.br

Ana Paula Paes de Paula

Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG, Brasil)

appp.ufmg@gmail.com

**ENTRE A BEBIDA E A ATIVIDADE DE DOMÉSTICA:
UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O USO
DE DROGAS E O TRABALHO**

**BETWEEN DRINK AND HOUSEWORK: A STUDY
ON THE RELATIONSHIP BETWEEN DRUG USE
AND WORK**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a história de Rita: ex-empregada doméstica, ex-alcoólatra. Essa atividade de trabalho foi a desempenhada por ela na maior parte de sua trajetória profissional, atividade na qual foi intensificada sua questão com o alcoolismo. Nosso intuito, com a apresentação desta história, é refletir sobre o fenômeno da toxicomania em sua relação com o trabalho, que constatamos serem dimensões diretamente interligadas. Também observamos que ambas apresentam a dialética prazer-sofrimento, que atravessa as vivências com o trabalho e com as drogas, no caso de Rita, o álcool. Além dessas constatações, destaca-se o uso do método de história de vida. Essa via nos permitiu o aprofundamento necessário para a compreensão da problemática apresentada e, por fim, para o entendimento das inúmeras possibilidades de relações que os indivíduos podem ter, não apenas com as organizações de trabalho, mas com as organizações sociais em geral (o que inclui a família e demais grupos sociais), organizações estas que o cercam, habilitando ou interditando suas transformações enquanto sujeitos.

Palavras-chave: Álcool e/ou outras drogas. Trabalho. Prazer. Sofrimento. História de vida.

ABSTRACT

This article aims to present the story of Rita: ex-housemaid, ex-alcoholic. This work activity was performed by her for most of her career, in which activity has intensified its issue with alcoholism. Our intention with the presentation of this story is to reflect on the phenomenon of drug addiction in relation to the work, which we found to be directly connected dimensions. We also observed that both have the dialectic pleasure-suffering, which runs through the experiences with work and with drugs, in the case of Rita, alcohol. In addition to these findings, it highlights the use of life history method. This allowed us to track the depth necessary for understanding the problems presented, and finally to understanding the possibilities of relations that individuals can have, not only with labor organizations, but with social organizations in general (which includes family and other social groups), these organizations that surround it, enabling or prohibiting its transformation as subjects.

Keywords: Alcohol and/or drugs. Job. Pleasure. Suffering. Life story.

Universidade Federal do Espírito Santo

Endereço

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras
29.075-910, Vitória-ES
gestaoeconexoes@gmail.com
gestaoeconexoes@ccje.ufes.br
http://www.periodicos.ufes.br/ppgadm

Coordenação

Programa de Pós-Graduação em Administração
(PPGADM/CCJE/UFES)

Artigo

Recebido em: 14/03/16
Aceito em: 16/09/16
Publicado em: 18/06/18

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar a história de Rita¹. Rita é uma ex-empregada doméstica, ex-alcoólatra. Essa atividade de trabalho foi a desempenhada por ela na maior parte de sua trajetória profissional, trajetória na qual é intensificado seu problema com o alcoolismo. Com a apresentação desse caso, nosso intuito é compreender como o trabalho se relaciona com o fenômeno da toxicomania, e assim refletir sobre a questão da saúde mental no trabalho, especificamente no que tange ao uso de álcool e outras drogas.

As abordagens tradicionais que tratam a toxicomania tendem a considerar predominantemente outras esferas da vida do sujeito, como a esfera doméstica, por exemplo, para a compreensão da problemática, negligenciando ou tratando com pouca atenção a questão do trabalho. Com a apresentação desta história, o que buscamos é justamente direcionar nosso olhar para tal dimensão, buscando contribuir com reflexões usualmente pouco consideradas.

Para tanto, utilizamos o método de pesquisa conhecido como história de vida. Por meio dessa metodologia foram resgatados não apenas dados relativos à história de Rita com as drogas (no caso, o álcool), mas também elementos de sua história de vida em geral, que foi compreendida de maneira ampla.

Do ponto de vista teórico, recorreremos à Psicodinâmica do Trabalho, que nos proporcionou refletir sobre a atividade desempenhada por Rita em suas facetas de prazer e sofrimento, e também as relações destas com a construção de sua própria subjetividade. Tal reflexão nos orienta ainda para as configurações sócio-históricas do mundo do trabalho e para a influência delas nos processos de produção da subjetividade e condições de enfrentamento das dificuldades pelos sujeitos.

Outra reflexão possível com a apresentação do caso de Rita, ainda que não tenha sido nosso objeto de análise direta mais específica neste artigo, diz respeito ao gênero e às singularidades da mulher no mundo do trabalho. A questão da maternidade e os modos de conciliação com o trabalho, o tratamento doméstico e familiar dado à mulher, as especificidades do trabalho como doméstica e os conflitos de classe aí implicados, a problemática do alcoolismo ligada à condição feminina e à condição socioeconômica fragilizada e desfavorecida de Rita, entre outras violências, são também aspectos que

¹ Nome fictício.

tangenciam a história que iremos narrar, e que certamente não passarão despercebidos ao leitor.

Para tanto, o artigo se organiza da seguinte forma: na próxima seção serão apresentadas reflexões sobre o sujeito, o trabalho e as drogas, tendo como pano de fundo o referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho. Em seguida, discutiremos a metodologia de história de vida, utilizada nesta investigação como caminho para a obtenção das análises almeçadas. Posteriormente, abordaremos o caso de Rita, para então, por fim, apresentar as reflexões finais do trabalho.

2. O OBJETO, AS DROGAS, O TRABALHO

O uso de substâncias psicoativas é longínquo e se faz presente em grande parte da história da humanidade. Carneiro (2009) destaca a relevância dessas substâncias ao longo da história, seja no papel dos analgésicos, dos aliados do sono tranquilo, como também em seu oposto, dos estimulantes e provedores de energia para a caça, o combate e a resistência cotidiana dos males e incômodos da vida. O autor defende que a questão do uso de drogas não se restringe apenas a um “problema”, mas, sim, faz parte da cultura humana há milhares de anos como instrumento de estímulo, consolo, devoção, diversão e intensificação do convívio social.

É necessário observar os aspectos históricos, culturais, econômicos e sociais envolvidos no uso de substâncias psicoativas. Oliveira (2007) afirma que, por se negligenciar tais fatores, há, muitas vezes, uma dificuldade em se identificar os efeitos do uso dessas substâncias e suas repercussões na sociedade, como nas relações com emprego, educação e pobreza.

Karam (2003) expõe a importância de se considerar a dimensão política, na qual se insere o trabalho, para a compreensão da toxicomania. Segundo a autora, vivemos atualmente um quadro de sofrimento, que se relaciona com as configurações da sociedade contemporânea, ligadas à cultura da competitividade, ao narcisismo e ao egoísmo, características fortemente presentes no mundo organizacional e do trabalho. Esse quadro conduz a uma embriaguez social, na qual a busca pela sedação do sofrimento é uma constante.

Entre os motivos que levam o indivíduo a essa busca de sedação do sofrimento, destaca-se o trabalho. Entende-se aqui o trabalho enquanto centralidade e condição da construção do ser humano. Entende-se ainda esta atividade pela riqueza e complexidade de sua dinâmica, que pode se configurar ora enquanto fonte de prazer, ora enquanto

fonte de sofrimento, ora enquanto ambos. Para o entendimento dessa complexidade, é necessário compreender a subjetividade humana, a qual se constrói, ao mesmo tempo em que é construída, nas situações concretas de trabalho.

Dejours (1993) destaca que, ao abordar a relação do homem no trabalho, o que se tem como referência são dinâmicas tanto de processos psíquicos como de processos sociais. Assim, o autor afirma que o funcionamento psíquico do homem não é divisível. Na medida em que o trabalhador se orienta contra o sofrimento no trabalho, ele mobiliza toda a sua bagagem subjetiva. “O homem que está engajado em estratégias defensivas para lutar contra o sofrimento no trabalho não abandona seu sofrimento psíquico no vestiário” (DEJOURS, 1993, p. 103). O autor ressalta que toda a economia familiar é convocada como auxílio e forma de enfrentamento das contrariedades da situação de trabalho.

Essas e outras questões são algumas das preocupações da Psicodinâmica do Trabalho, que consiste, em síntese, em uma abordagem voltada para a análise subjetiva do homem em situações de trabalho. A proposta atual dessa área do conhecimento busca ir além da análise psicopatológica do trabalho, debruçando-se sobre a análise psicodinâmica das situações laborais.

Uma das características que situa a Psicodinâmica do Trabalho como uma disciplina que vai além da psicopatologia consiste no foco na normalidade enquanto objeto. Tal perspectiva aborda então não apenas o sofrimento, mas ainda o prazer no trabalho; não apenas o homem, mas também o trabalho; não apenas a organização do trabalho, mas as situações de trabalho nos detalhes da sua dinâmica interna (DEJOURS, 1993). Nessa busca, a psicodinâmica adota um posicionamento análogo ao da psicanálise, pois volta-se para o trabalho analítico e remete à questão da ação dos próprios trabalhadores, aflorando o sentimento das situações subjetivas. “Está claro que a psicopatologia do trabalho apóia-se em um modelo do homem e da sua subjetividade que é tomado da psicanálise” (DEJOURS, 1987, p. 110).

Constituem-se em pautas de discussão desta disciplina: Por que o trabalho ocupa um lugar central na construção da saúde mental? Por que essa centralidade é em geral fortemente subestimada? Qual a relação entre o prazer e o sofrimento vivenciados no trabalho? Que aporte essa dinâmica apresenta no fenômeno do reconhecimento? Qual a importância da cooperação e como esta pode operar na luta contra o sofrimento no trabalho? Quais são as questões psíquicas do trabalho e de que forma elas se constroem na discussão de uma clínica do trabalho contemporânea (MOLINIER, 2008)?

Entre estes desdobramentos, um ponto de destaque consiste em compreender sob quais condições intra e intersubjetivas o prazer é possível numa situação de trabalho e como este se revela como um operador central na construção da saúde mental. Por esta via, faz-se também a compreensão do sofrimento. Assim, os estudiosos do campo da Psicodinâmica do Trabalho destacam que não é possível a compreensão das “questões psíquicas” do trabalho sem a compreensão das “questões sociais”, visto que a Psicodinâmica do Trabalho se inscreve dentro do paradigma das ciências críticas da sociedade. Para a compreensão da relação entre as dimensões "psíquica" e "social", o resgate à história de vida do sujeito faz-se especialmente importante.

3. CONTE-ME SUA HISTÓRIA?

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a de história de vida. Entre as muitas modalidades do uso de dados biográficos, este artigo versa sobre a história de vida na perspectiva da Psicossociologia e da Sociologia Clínica, nas quais a história de vida se apresenta como material privilegiado de pesquisa, enquanto material primário, e não de segunda categoria.

Nessa perspectiva, a história de vida não se presta a um caráter meramente ilustrativo ou, como é comumente utilizada, por recortes de trechos de histórias que elucidam teorias. Para Ferraroti (1990, p. 30), a pesquisa em história de vida abre uma nova fase de investigação em ciências sociais, na qual o método não se coloca “como conjunto de elementos ilustrativos do que já é conhecido, apêndice facultativo sob a forma qualitativa de resultados adquiridos por meio das técnicas de standardização de medidas exatas”.

Mesmo com a diversidade de abordagens e disciplinas que tratam do assunto, é na vertente da Psicossociologia e da Sociologia Clínica que se dão a análise e a compreensão da “personalidade biográfica”, que se relaciona ao modo como os indivíduos são autores de sua própria biografia, sendo ao mesmo tempo transformadores das condições sócio-históricas que os regem (BARROS; LOPES, 2014). Esse olhar, que é, em geral, carente nas outras disciplinas, constitui uma grande contribuição ao se considerar as histórias de vida como pesquisa.

Sobre o motivo da escolha desta metodologia, destaca-se também um posicionamento segundo uma perspectiva reflexiva sobre o conhecimento – conhecimento que não é dado *a priori*, mas construído ao longo do processo de investigação. Busca-se, então, aproximar-se da organização complexa da realidade, tentando superar a ilusão de validade, ou a legitimidade de um conhecimento por sua

correspondência linear com dados factíveis, o que resultaria em fragmentação e simplificação da realidade social (GONZÁLEZ REY, 2005).

Intenta-se buscar a construção do conhecimento por meio do “contar sua história”, modo pelo qual se procura compreender a perspectiva do sujeito sobre si e os fatos sociais, com base em sua própria capacidade de análise. Além disso, a partir das histórias de vida, objetiva-se compreender a realidade sócio-histórica na qual se inserem os sujeitos, buscando demonstrar como estes, ao mesmo tempo que a modificam, são modificados por ela, bem como compreender como as questões universais aparecem nas práticas individuais, e vice-versa.

O recolhimento da história de vida de Rita ocorreu em uma das sedes do grupo Alcoólicos Anônimos (AA), em Minas Gerais. Neste local são realizadas atividades de coordenação e planejamento geral do grupo, assim como as reuniões de um comitê que tem por finalidade organizar, estruturar, padronizar e facilitar a divulgação da mensagem dos AA à comunidade em geral. Rita é membro desse comitê, atividade que desempenha após a jornada diária da outra atividade profissional que exerce: auxiliar de serviços gerais em uma empresa. As entrevistas de histórias de vida foram colhidas com Rita durante um período de 5 meses (mais especificamente de agosto a dezembro de 2013), com entrevistas quinzenais, que tiveram duração de uma hora a uma hora e meia cada.

Não houve roteiro estruturado de entrevista e a questão que norteava nossas conversas era: "conte-me sua história?". As entrevistas foram gravadas, com o consentimento de Rita, e o sigilo sobre sua real identidade preservado. Os encontros foram encerrados pela necessidade do fechamento da investigação, e não pelo esgotamento do assunto em si (característica do trabalho com essa metodologia). As histórias contadas foram transcritas e, posteriormente, organizadas em narrativa de modo compreensível ao leitor. Apresentemos, então, a história de Rita.

4. A HISTÓRIA DE RITA

Rita tem 48 anos e participa do grupo de AA devido à sua questão com o alcoolismo. Com sérios problemas com a bebida alcóolica, agravados por volta dos 17 anos, quando foi expulsa de casa, Rita relatou que se mantém sóbria há onze anos, período no qual começou a frequentar as reuniões do AA. Na época da realização das entrevistas, executava serviços gerais em uma empresa, há aproximadamente um ano, mas a principal atividade profissional ao longo da maior parte da sua vida foi a de empregada doméstica.

Rita é a mulher mais velha de uma família de dez filhos, e a sétima filha pela ordem de nascimento. De origem simples, pai alcoólatra e mãe também com costume de fazer uso de bebida regularmente, conta que começou a beber ainda criança, pois no Natal o pai dava um pouco de vinho para os filhos, para que eles não “aguassem”.

Depois, começou a beber mais do que aquele vinho do Natal, principalmente na adolescência. Bebia na escola, quando ia para o colégio. Bebia vodca com groselha, porque não dava “cheiro nem gosto”. Aos 17 anos, teve uma “gravidez indesejada”, como conta, e o pai, por não aceitar aquela situação, expulsou-a de casa. Viveu um tempo na rua, período em que seu vício com a bebida intensificou-se: “E o meu pai vai e me colocou pra fora de casa. Eu, grávida, na rua, aí, bebi. Aí, fui bebendo, bebendo”. Seu período como moradora de rua durou até o momento em que foi para o hospital para o nascimento de seu filho. Em sua condição de moradora de rua e de alcoólatra, passou muito mal durante o parto. Foi levada por policiais ao hospital. Lá, disseram-lhe que o bebê nasceu morto. Sem a chance de nem ao menos ver seu filho, Rita acredita na possibilidade de seu bebê ter sido levado e de não estar morto, segundo a história que lhe contaram. Recusou-se até mesmo a dizer o nome do hospital na entrevista. Nesse hospital, após passar pela cirurgia de cesariana, Rita conheceu Lúcia², a mulher que viria a ser sua futura patroa, que a acompanhou no hospital naquele momento. Lúcia sensibilizou-se com o caso de Rita e resolveu acolhê-la em sua casa, oferecendo-lhe um trabalho como empregada doméstica.

Na casa de Lúcia, Rita trabalhou dos 17 aos 45 anos, aproximadamente, com intervalos nos quais se ausentou da casa da patroa (como quando esteve em Santa Catarina, por doze anos, episódio que será relatado mais adiante). Enquanto esteve com Lúcia, Rita, além de trabalhar, também residia na casa dela. Lá, após aproximadamente um ano de trabalho, ela engravidou novamente e deu à luz Graziela, sua filha que hoje tem 28 anos. Rita é atualmente casada com um também membro do AA. Vive em uma casa, ela e o marido, em endereço próximo ao de Graziela.

Quando, há onze anos, foi levada até o AA, estava no “fundo do poço”: não tinha mais disposição para trabalhar e bebia cada vez mais. Necessitava beber cachaça assim que acordava. Foi nesse momento da vida de Rita que sua irmã a conduziu para o grupo de AA, e ela começou seu processo de interrupção da bebida. Durante seus estados mais graves do alcoolismo, Rita passou por situações de roubos, brigas e agressões físicas trocadas com outras pessoas, principalmente durante a embriaguez. Era

² Todos os nomes utilizados neste artigo são fictícios, com intuito de preservação da identidade.

como se visse um monstro dentro de si, em vista da agressividade de seus atos com os outros.

4.1. HISTÓRIA PROFISSIONAL OU HISTÓRIA FAMILIAR? – “OS MELHORES PROFISSIONAIS SÃO OS ALCOÓLATRAS. OS MELHORES.”

Fazer uma separação entre o que é familiar e o que é profissional na história de Rita é algo delicado. Afinal, sua história familiar e sua história profissional são esferas diretamente imbricadas. A natureza da atividade de trabalho de Rita contribui bastante nesse sentido: empregada doméstica morando na casa da patroa. Além disso, uma de suas patroas, a mais marcante em sua trajetória, assume papéis em sua vida para além da relação laboral. Discutiremos a questão mais adiante.

O trabalho como empregada doméstica é a atividade desempenhada por Rita na maior parte de sua vida. Mesmo antes do trabalho na casa de Lúcia, ela já fazia alguns “bicos” como faxineira diarista. No entanto, o trabalho mais marcante, que é enfatizado diversas vezes na fala de Rita, é aquele realizado na casa de Lúcia, onde ela iniciou suas atividades após sair do hospital, quando teve seu primeiro filho. Antes disso, foi moradora de rua por um tempo, durante a gestação, conforme já destacamos, e estudante.

Rita cursou até a 8ª série. Chegou a iniciar o segundo grau, mas foi expulsa, aos 16 anos, por perder aulas, falsificar a assinatura da mãe e dizer mentiras, entre outros fatos. Foi a única entre os irmãos a estudar em escola particular, em função de uma bolsa de estudos conseguida pelo pai e sorteada entre as filhas. No entanto, acabou perdendo a bolsa devido às atitudes acima comentadas.

O emprego como doméstica, inicialmente na casa de Lúcia, merece destaque. Rita morava na casa de sua patroa, mesmo local onde realizava suas atividades de trabalho. A relação de Rita com a patroa assemelha-se à de mãe e filha, na qual ela ocupava a posição de receber cuidados de Lúcia. A patroa, além de cuidar dela, cuidava de sua filha, Graziela. Durante seu trabalho ali, Rita passou por muitas “idas e vindas”. Saiu para morar em Santa Catarina, onde permaneceu por doze anos. Nesse período, Lúcia foi quem acabou assumindo a maternidade da menina. Graziela chama, ainda hoje, Lúcia de mãe – “mãe Lúcia”. O nome da menina foi Lúcia que escolheu.

Mesmo durante as grandes crises de Rita com a bebida, Lúcia insistia em mantê-la por perto e em preservar seu emprego. O vínculo empregatício formalizado só ocorreu

após considerável tempo em que Rita já estava no emprego. Antes disso, trabalhava sem carteira assinada e recebendo uma remuneração abaixo do que lhe era de direito. Todavia, não via como injusto, pois tinha a casa e a comida, além do afeto da patroa, que lhe “tirou da rua e a tratava como filha”. Segundo Rita, a fala da patroa era: “Eu tenho você como uma filha, não como uma empregada”.

Entre algumas idas e vindas da casa de Lúcia, quando Graziela tinha 2 anos de idade, aproximadamente, Rita resolveu mudar-se de Belo Horizonte. Em conflitos com os patrões, devido ao uso abusivo do álcool, ela não aguentava o controle do patrão, marido de Lúcia: “Falei assim: ‘Oh, você não é meu pai. [...] O senhor não é meu pai. Não vai me mandar e tudo’”. E o patrão respondia: “Mas você está na minha responsabilidade, [...] então vai ter que me obedecer”. Rita resolveu partir com uma amiga para o Sul e deixou Graziela aos cuidados de Lúcia, que pediu para ficar com a menina. Rita pensou: “Ah, já que essa menina tá bem agora, cuidada, vou viver minha vida”.

Sem rumo na vida, “como folha seca no vento”, como descreve, e de carona com um caminhoneiro, Rita chegou sozinha (pois no meio da viagem a amiga desistiu e voltou para Belo Horizonte) a uma cidade do interior de Santa Catarina. Ao chegar, Rita encontrou então Célia, que, comovida com a história criada por Rita sobre como foi parar lá, convidou-a para trabalhar em sua casa como doméstica. Em condições de trabalho semelhantes àquelas vividas na casa de Lúcia, como falta de pagamento adequado, ausência de registro em carteira de trabalho e residindo na casa da patroa, Rita permaneceu por doze anos nesse emprego. Célia era casada e tinha três filhos. Rita assumiu assim as tarefas domésticas do lar e de babá das crianças.

Nesse emprego Rita desenvolveu uma relação patroa/mãe, patrão/pai, empregada doméstica/filha bastante similar àquela construída na casa de Lúcia. Passados doze anos, Rita resolveu voltar para Belo Horizonte. Em sua volta, reencontrou a filha, que a reconheceu. Contou que estava em um bar, bebendo para tomar coragem de chegar à casa de Lúcia e rever a filha. E Graziela a reconheceu ali: “Você é a Rita? Sou sua filha”. Disse que não era aquela a cena dos seus sonhos. Não queria que a filha a reencontrasse num bar. A cena que imaginava era a filha chegando, ela esperando-a na cozinha da casa de Lúcia, e esta dizendo: “Graziela, vai lá ver quem está na cozinha te esperando”.

Nesse retorno, Lúcia acolheu novamente Rita, que voltou a trabalhar em sua casa, lá permanecendo cerca de doze anos.

Após uma saída difícil da casa de Lúcia, Rita começou a trabalhar em uma empresa, prestando serviços gerais de limpeza. Sobre as dificuldades relacionadas ao

rompimento desse vínculo, Rita contou que todas as vezes que ia falar sobre a saída acontecia algum fato que a impedia de dizer. Em uma das vezes, procurou a patroa para conversar sobre sua saída e encontrou-a rezando. Assim que começou a falar, a patroa disse: “Estava rezando, pedindo para que você nunca me abandone”. Rita disse que chegou a perder uma vaga de emprego porque não tinha coragem de dizer à Lúcia sobre sua vontade de sair, pois sempre que pensava em abordar o assunto, Lúcia argumentava sobre o desejo de que Rita nunca a abandonasse. Certo dia, Rita tomou coragem e disse à Lúcia que ia sair do emprego. Lúcia disse para ela ir, mas que iria torcer para não dar certo, para ela voltar. Segundo relatou Rita, Lúcia chegou a passar mal de saúde após sua saída:

Em várias entrevistas, Rita ressaltou as dificuldades em sair da casa de Lúcia: “Eu deixei o emocional passar na frente. Eu gosto dela, eu amo ela tanto que eu não tinha coragem de deixar”. As dificuldades de Rita em romper com este vínculo ligam-se a diversos fatores, mas, prioritariamente, ao vínculo maternal que Lúcia estabeleceu com Rita:

Falei pra ela que se eu ganhasse na Mega Sena não ia sair da casa dela, não, mesmo sendo podre de rica. Mas procê ver como é a emoção, sabe, então eu deixei falar muito na frente, porque é o carinho, o amor que eu não tive da minha mãe ela passou pra mim, e nós tivemos um elo muito forte, nós duas, né? E amigas. Então, assim, eu deixei o emocional... (Rita)

Tais tentativas de rompimento ocorreram em diversos momentos da vida de Rita. São cortes que se dão processualmente. Antes da ruptura maior, representada pela saída recente para trabalhar na empresa, Rita deixou de morar na casa da patroa (mas ainda lá continuou trabalhando), quando se casou com um companheiro dos AA. Lúcia e o marido são padrinhos de seu casamento. Essa saída foi um corte difícil para Rita, que não queria casar, que queria só “ficar”, sem compromisso sério. Foi pelo desejo do noivo que acabou concordando. Mesmo casada, prosseguiu o vínculo com a moradia, pois Rita foi morar no barracão dos fundos da casa da irmã de Lúcia, que ficava grande parte do tempo nos Estados Unidos e precisava de alguém que tomasse conta da casa. Assim, Rita morou ainda um tempo nessa condição, sem pagar aluguel, contribuindo com despesas de água e luz, e ligada, de certa forma, à patroa. A ruptura mais forte ocorreu mesmo na saída do emprego. No trecho seguinte, Rita descreve essa dificuldade e, também, a precariedade de seu vínculo de trabalho:

Quando eu saí de lá, eu pensei que não ia aguentar aquele outro lugar, porque eu sentia muita falta. Por isso que eu falo, é todo dia, todo aí a convivência. Outro dia, eu fui, eu trabalhava lá na casa da dona Lúcia. Era domingo e tava lá, férias. Eu tirava minhas férias, eu ficava lá. Pessoal, fico assim “Gente, isso não pode não, que na hora que uma morre...”. Meu marido falava: “Na hora que uma morre, a outra morre atrás. Cê tem que desligar. Pode ser assim não. Eu sei que você tem gratidão, cê gosta muito

dela. Continue tendo muita gratidão, continue gostando dela, só que você tem que seguir seu caminho. Não pode ficar bitolada ali". Ah, é porque me ajudou, foi ela que me estendeu a mão. "Não pode ser assim. Cê tem que seguir seu caminho. Tenho certeza que ela vai ficar feliz." (Rita)

Rita relata que mesmo em suas férias, ou finais de semana, ficava por perto, na casa de Lúcia, e chegava mesmo a trabalhar para a patroa, escondida do patrão, que desabonava isso:

Eu trabalhei na dona Lúcia tantos anos! Eu nunca faltei no serviço, nem nas minhas férias. Eu ia pra lá domingo... eu ia pra lá. Ela ficava assim olhando o portão. "Que se o seu João (patrão) vir a senhora, fala, viu?" **E eu ia nas minhas férias, eu passava roupa, lavava banheiro pra ela lá.** (Rita)

Por que, Rita? (entrevistador)

Porque eu ia lá ajudar ela... [...] O meu patrão é muito certinho: férias é férias. E se acontece alguma coisa de eu cair no banheiro ali e machucar? [...] Aí, o Ministério do Trabalho vem e "ó" no meu patrão. Ela ficava assim olhando, eu limpava banheiro pra ela, passava pano em casa, passava a roupa, e nós fazia tudo escondido. Eu e ela, né? Aí teve até um dia que ele chegou lá e eu tava lá. Ele: "Uai! Que cê tá fazendo aí?". "Não, é que eu tava fazendo uma visita pra dona Lúcia." (Rita)

A patroa tinha problema de coluna. Por isso, Rita sentia-se responsável em ajudá-la na limpeza durante suas férias, mesmo com uma faxineira que ia duas vezes na semana. A patroa era obsessiva com a limpeza: "Doença, que tinha até que fazer tratamento, da limpeza que as pessoas têm que ter tudo limpinho".

Segundo Rita, o que a fez sair da casa de Lúcia foi uma vontade de crescer, de progredir profissionalmente: "É a melhora do emprego, porque onde eu tô, eu posso estudar e crescer lá dentro. E o meu pensamento é esse, crescer".

Atualmente, Rita trabalha, há cerca de um ano, em uma empresa privada responsável pela manutenção dos veículos do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), realizando serviços gerais. Anteriormente, trabalhou por cerca de um ano em outra empresa, no cargo de assistente de cozinha e, posteriormente, como cozinheira (o primeiro emprego que teve quando saiu da atividade de empregada doméstica, na casa de Lúcia). Essa empresa fornecia refeições para hospitais e cadeias/presídios. Rita trabalhava dentro de um presídio, o que a desagradava, pois achava perigoso. Quando teve a oportunidade de mudança, deixou este emprego.

Em seu emprego atual, Rita desenvolve atividades ligadas majoritariamente à limpeza geral: limpeza dos banheiros, escritórios e outras acomodações. Trabalha na garagem, onde ficam estacionadas as ambulâncias e onde ocorre o trabalho de manutenção, como troca de óleo. Nesse local trabalham cerca de 60 pessoas. Conta que: "era meu sonho trabalhar em empresa".

A relação de Rita com sua chefe atual, segundo seu relato, é mais madura e profissional que aquelas desenvolvidas outrora. No entanto, ainda hoje mantém alguns padrões das relações anteriores. Nesse sentido, relata situações que demonstram os sentimentos de afeto que nutre pela chefe, ligados à amizade, intimidade, e, também, cuidados e atenção que recebe dela, que acaba atuando no imaginário de Rita como uma cuidadora.

Em uma de nossas últimas entrevistas, Rita relatou a possibilidade de mudar de função. Contou que a recepcionista seria promovida para trabalhar no Departamento de Pessoal e que ela seria indicada para substituí-la na função, pois a empresa mantém a política de nessas situações valorizar e dar oportunidades aos funcionários da casa. Contou com muita satisfação essa notícia, pois seria a primeira vez que teria a oportunidade de desempenhar atividades que não estivessem ligadas à serviços de faxina e/ou cozinha. Ressaltou a expectativa de trabalhar de roupa social, sapato de salto, etc. No entanto, em nossa última entrevista, Rita contou que sua promoção não ocorreu, pois, como ela havia mudado de casa, o horário de trabalho do novo cargo não era compatível. Disse que “abriu mão” da oportunidade e que não estava tão triste, pois “quis dar chance para a outra menina”, uma novata que entrou na empresa. Percebe-se no relato deste acontecimento certa dificuldade: seja no enfrentamento do novo por parte de Rita, seja talvez em assumir a frustração de não ter conseguido a promoção.

A mudança de casa foi narrada por Rita com grande entusiasmo. Entre os motivos da alegria, ressalta o fato de ter saído do aluguel e a possibilidade de estar mais próxima da filha, que agora é sua “vizinha de porta”. Contou que hoje mantém um relacionamento mais próximo com Graziela, pois quando ela era alcoólatra, a filha tinha vergonha, não contava para os amigos que ela era sua mãe. A seguir, aprofundaremos um pouco mais na história de Rita com sua família.

4.2. A FAMÍLIA – “EU ERA A OVELHA NEGRA DA FAMÍLIA”

Rita vem de uma família pobre e numerosa (dez filhos), pai alcoólatra, mãe também envolvida em problemas com a bebida. Dos dez filhos, cinco ainda têm, ou já tiveram, envolvimento com o álcool. O pai veio da roça para ganhar a vida em Belo Horizonte. A mãe veio em seguida com os quatro filhos nascidos até então. Rita é a filha mais velha das mulheres e a sétima na ordem de nascimento. O pai era pedreiro e a mãe cuidava dos filhos e da casa.

As lembranças da infância:

E que eu me lembro da minha infância nós apanhava demais. Que meu pai dizia e minha mãe ficava desesperada do meu pai e daquele jeito dele. Todo dinheiro que meu pai ganhava ia pro buteco... custava muito pra levar o alimento pra casa, passando muita necessidade. Não tinha roupa, não tinha sapato. A mãe, naquele desespero, né? Daí começa a beber também. [...] E minha mãe começou a beber cachaça. (Rita)

Sobre a lembrança do “apanhar” na infância, Rita a remete principalmente à lembrança de sua mãe. O pai, mesmo alcoólatra, era menos agressivo. A mãe a colocou para trabalhar ainda nova, em serviços domésticos, nas casas de outras pessoas. Rita recorda os fatos e os relata com a mesma reminiscência da mãe agressiva.

Quando eu tinha sete anos, minha mãe me colocava aí pra lavar panela, lavar roupa dos outros. Aí, teve um dia que eu cheguei em casa coçando a cabeça, né [...] nós era uma piolhada, uma bichaiada, era uma misera, né. Aí eu lembro que eu cheguei em casa assim, coçando a cabeça: “Mãe, dona Madalena me bateu com a panela na cabeça.” Minha mãe falou: “Por que ela te bateu?” “Ah, ela disse que eu não lavei a panela direito”. “Bem feito! Cê quer apanhar mais?”. E me dava mais panelada na cabeça. (Rita)

Rita também aborda o medo que sentia da mãe, medo de chegar em casa após a volta da escola quando de uma nota ruim, medo dos pais alcoólatras, medo de como poderia encontrá-los: “O filho de alcoólatra, cê sabe como é que é. Nós tamo ali na escola, mas nós tamo pensando como vamos chegar em casa e encontrar nossos pais. Medo, medo de chegar em casa”.

Segundo Rita, sua mãe remetia-se a ela como a ovelha negra da família, quando da época de sua gravidez: “Que lá em casa minha mãe falava que eu era ovelha negra da família, quando eu engravidei”. Esse tratamento, essa tentativa de rebaixamento do outro, no caso de Rita, é também lembrado em relação a Lúcia, a ex-patroa. Rita contava que também era agredida nesse sentido: “Você é pau torto. Não tem conserto”. “Galho torto”.

Os pais faleceram há cerca de doze anos. A mãe faleceu primeiro e o pai logo em seguida. Em ordem inversa, contou que quando o pai parou de beber, ao entrar para os Alcoólicos Anônimos, a mãe interrompeu também o uso de bebida em seguida. Afirmou que o amor do casal era enorme.

Mostra-se ressentida e, por vezes, culpada, por não ter perdoado o pai ainda em vida por ele a ter expulsado de casa e a mãe por não ter dito que a amava. Contou que carregou por muito tempo uma carta que a mãe lhe deixou antes de morrer, em que dizia: “Minha filha, eu sempre te amei, desde quando você estava dentro de mim. Eu só não sabia demonstrar esse amor por você”.

Dos irmãos dependentes químicos, disse que um deles é também viciado em cocaína e que isso a faz sofrer. Contou que o irmão homossexual só assumiu sua sexualidade após a morte dos pais, e que sobrinhos também se assumiram da mesma forma.

Interessante destacar que Rita parou de beber um dia depois do aniversário de seu pai. Sobre seu período de alcoolismo, relatou que se sentia “morta espiritualmente”.

Mas eu já estava morta espiritualmente. Aquela tristeza, aquela depressão que eu estava sentindo, aquele vazio, uma dor que eu sentia na alma, uma dor [...] sabe, aquela dor, aquele vazio, é porque eu tinha assim... É que nem eu falo: eu tinha morrido espiritualmente. (Rita)

5. AS DEPENDÊNCIAS: QUÍMICA, FÍSICA E LABORAL

A “morte espiritual” mencionada por Rita parece estar presente em sua vida não apenas nas cenas do alcoolismo, mas também em todas as outras nas quais ela se posiciona em situações de dependência, em destaque as cenas familiares e as de trabalho, tão entremeadas em sua trajetória. Os vazios de Rita construídos na cena familiar são por ela preenchidos nestas duas situações: trabalho e bebida. Rita recorreu à bebida desde bem cedo, ainda na adolescência, como manejo para lidar com as situações que a ela se apresentavam na época. Certamente, os motivos relacionados a um caso de alcoolismo são altamente complexos e vão além das relações que por ora apresentamos. No entanto, atemo-nos aqui aos fatos trazidos por Rita e ao que me foi possível recolher de sua história nos encontros que tivemos, o que não restringe nem diminui a análise aqui pretendida.

Para enfrentar as situações de violência vivenciadas no lar, Rita recorria à bebida. Além disso, ela repetia o modelo que vivenciava em casa, o dos pais alcoólatras. Era o modo de escape e de lidar com a vida que ela “aprendeu” enquanto criança diante das atitudes dos pais. Pode-se pensar, de certa forma, que não há um rompimento desse padrão. Ela repete em sua vida a história dos pais (talvez mesmo até como forma de obter o amor destes), e a repete também com sua filha. A situação de violência e de agressividade familiar é ampliada quando ela é expulsa de casa, o que a faz recorrer ainda com mais intensidade à bebida alcoólica. É importante destacar que a precariedade dos vínculos familiares de Rita é fortemente reforçada nas problemáticas sociais: pobreza, falta de acesso à educação e a uma série de serviços básicos necessários a uma condição digna de sobrevivência. Família numerosa, miséria, desigualdades econômicas e sociais escancaradas e marcadas em Rita no serviço como doméstica (pela diferença entre sua condição e a de sua patroa Lúcia, que tinha certo poder financeiro), além de toda uma

série de fatores que ainda balizam a maioria do povo brasileiro, são fortes colaboradores nas situações experienciadas por este sujeito em sua história. “Nenhum médico jamais me disse que a fome e a pobreza podem levar ao distúrbio mental. Mas quem não come fica nervoso, quem não come e vê seus parentes sem comer pode chegar à loucura” (trecho do filme “Bicho de Sete Cabeças”).

O trabalho como empregada doméstica era a possibilidade que estava ao mais fácil alcance de Rita em sua trajetória. Nela, Rita se deparou com uma patroa que se apresentou como a substituta, seja da mãe agressiva, seja da mãe pobre, pela oportunidade de oferecer-lhe condições de vida para além da miséria e da pobreza às quais ela estava habituada. Com todos esses “ganhos”, Rita se posicionou em uma situação de dependência na cena profissional, assim como a dependência da bebida. Era um vínculo precário, por todas as condições objetivas que o engendram (baixo salário, sem registro profissional em carteira de trabalho, moradia na casa dos patrões, sem gozo genuíno de férias, etc). No caso de Rita, ainda mais precário, tendo em vista o vínculo afetivo que a mantinha nessa situação, que a aprisionava na posição de filha/empregada.

Nessa dinâmica, Lúcia assumiu o papel da mãe, levou Rita para casa e a aceitou como sujeito dependente. Essa dependência a atendia de certo modo, pois assim ela podia manter o vínculo com a filha/empregada doméstica. É como se no trabalho de doméstica, Rita não tivesse a possibilidade de romper seus fantasmas infantis, ligados à dependência alcoólica e à situação de filha abandonada. Ela continuava a encenar a situação da filha na busca pelo amor da mãe. A manutenção dessa situação de dependência é corroborada por Lúcia.

Sobre tal questão, remontamos às observações tecidas por Dejours (1996). O autor, nessa obra, realiza uma articulação entre a organização da personalidade e a organização do trabalho, demonstrando a amplitude da incidência do passado do sujeito sobre sua conduta atual. Para tanto, o autor resgata processos do desenvolvimento infantil. Dejours aponta que os obstáculos com os quais se choca o desenvolvimento psicoafetivo da criança ocuparão posteriormente um lugar central na relação psíquica do adulto com o trabalho, visto ser a infância um período de formação de personalidade e das experiências precoces. Para Dejours, a criança é altamente sensível à angústia dos pais, tomando-a para si e lutando contra esse sofrimento como se fosse seu. Para trabalhar esse sentimento, a criança teria necessidade de falar com seus pais sobre aquilo que a leva ao sofrimento, mas não o faz, pois o que a faz sofrer também o faz a seus pais. Cristaliza-se aí uma zona de fragilidade psíquica, que se explica também pela própria angústia original do humano.

Uma forma de a criança lidar com a angústia é o jogo. A atividade lúdica encena o desejo da criança de se compreender para dar conta do seu sofrimento. Inesgotável, a atividade lúdica se torna uma forma maior de experimentação das teorias infantis. Posteriormente, o lugar do jogo para a criança dá lugar ao trabalho na vida adulta. “O trabalho é a ocasião de transportar mais uma vez o cenário original do sofrimento para a realidade social, num teatro menos generosamente aberto, contudo, que o precedente ao livre vôo da imaginação” (DEJOURS, 1996, p. 156). A transposição do teatro psíquico original para o teatro do trabalho, por intermédio do teatro do jogo, não é algo automático. Para que tal processo ocorra, é preciso que existam analogias de estruturas ou de formas, que não implicam necessariamente em identidade nem em equivalência absoluta.

Nesse sentido, o trabalho funciona como uma ocasião de tornar a representar um cenário próximo ao inicial do sofrimento. Tem-se aí o que Dejours denomina de ressonância simbólica, importante conceito oriundo da Psicodinâmica do Trabalho. A ressonância simbólica refere-se à repetição de questões originárias na cena do trabalho. Esta pode ocorrer como repetição exata e estéril das questões essenciais ou como possibilidade de ressignificação, ou seja, o trabalho como uma possibilidade bem-sucedida entre o conteúdo singular do sujeito e o coletivo deste trabalho, como uma condição de reconciliação entre o inconsciente e os objetivos da produção. No caso de Rita, em específico, enquanto empregada doméstica, o que se observa em geral é a repetição estéril da cena original, o que lhe inflige uma condição de sofrimento, de um sofrimento patogênico.

Por vezes, o que se percebe no discurso de Rita é um quadro em que ela e a patroa se misturam. É como se uma se apropriasse da vida da outra. Como exemplo, cita-se a filha de Rita, cujo nome é escolhido por Lúcia, assim como sua criação. Do outro lado, Rita relata um episódio que merece ser destacado:

Teve um dia que ela falou comigo assim: “Ó, Rita, nós vamos pra Lagoa Santa”. Não, Sete Lagoas, que eles iam ser padrinhos de um pessoal que ia casar. Aí, tá. Foram. Só que na metade do caminho o carro do meu patrão estragou. Aí, na hora que ele foi descer, ele enfiou o pé na lama, e foi uma confusão. Ele falou: “Ó, Lúcia, vamos avisar que nós não vamos poder ir ser padrinhos não, porque nós, carro estragado, nós tamo tudo sujo”. Minha patroa já tinha molhado o cabelo dela todo que ela tinha arrumado no salão. “Então, vamos voltar”. [...] E sabe o que eu fiz?! Eles saíram de casa sexta-feira e iam voltar só no domingo. Aí, eu peguei e falei assim: “Vou dar uma faxina nessa casa, que não sei o quê. Aí, vou tomar uma caipirinha”. Peguei uma pinga, limão, açúcar, gelo e comeci a beber. Aí, eu fui indo, fui indo, me deu um fogão assim, sabe?! Um fogo, menina. Falei: “Você quer saber?! Eu vou descansar um tiquinho. Depois eu acabo o serviço, porque não tem ninguém em casa mesmo. Se eu não fizer hoje, eu faço amanhã”. Pra você ver a irresponsabilidade. Aí, eu peguei, dormi, Quando eu acordei, eu tô escutando uma voz: “Rita! Ó, Rita!” **Eu tava dormindo na cama da minha patroa. Tinha vomitado a cama dela toda.** E a vergonha?! E ela lá falando: “Rita!” Quando eu abri o olho assim, ela falou: “Ó, Rita, que que tá acontecendo aqui em casa? Toda escura?” Isso aí era umas onze horas da

noite. Quando eles chegaram, tava tudo aberto, sabe?! A porta da sala aberta, janela, e eu toda vomitada.

A cena em que Rita é encontrada dormindo na cama de Lúcia exemplifica essa situação de “mistura” da vida das duas, condição característica do trabalho como empregada doméstica, e que exacerba a desigualdade das condições sociais. O fato narrado é, sem dúvida, digno de inúmeros modos de compreensão. Um deles, que também destacamos, pode se referir ao “vomitar na cama da patroa”, enquanto representativo de um expurgo de toda a opressão que Rita sofreu ao longo dessa atividade de trabalho – opressão do sujeito psíquico e opressão do sujeito social, dimensões que estão sempre interligadas. Enquanto expurgo, podemos remeter ainda o fato a um modo de resistência e defesa.

Em boa medida, o atual emprego de Rita na empresa representa a possibilidade de rompimento desse vínculo, vínculo que a coloca em uma situação “menor”. As condições concretas do trabalho em uma organização permitem a Rita maior profissionalização em sua atividade, o que colabora para um corte em seu posicionamento de filha/dependente, afetiva e socioeconomicamente, como no emprego como doméstica. A possibilidade de crescimento hierárquico dentro da empresa é também um fator que corrobora nesse sentido. Ainda assim, nessa atividade, Rita mantém resquícios dos posicionamentos outrora construídos ao longo de sua trajetória, fato percebido quando ela descreve sua atual patroa e diz que elas têm um ótimo relacionamento, que são “como irmãs”. De toda forma, mesmo com essa repetição, essa atividade é bastante significativa em seu processo de rompimento com as figuras paternas/patrões.

O trabalho no AA é uma atividade que merece ser bastante destacada na trajetória de Rita, pois é a partir dele que ela interrompe o uso de bebida. A interrupção da bebida, a saída da dependência química relaciona-se à saída do seu posicionamento de dependência de filha. Sobre os mecanismos relacionados ao AA que contribuem para melhorar o quadro de dependência química, podem-se citar vários. No entanto, ater-se-á aqui aos pontos que se relacionam ao objeto de investigação deste trabalho: a troca estabelecida no grupo e a atividade de trabalho desempenhada por Rita nesta instituição.

As trocas no grupo de alcoólicos anônimos são os momentos em que Rita tem a possibilidade de estabelecer relações mais genuínas com seus pares, seja pelo compartilhamento de experiências similares, seja pela autenticidade de expressão que é permitida neste espaço. Nessas condições, é possível inferir que Rita se estabelece ali em espaços autênticos de solidariedade. Este espaço é também onde ela desenvolve ainda

hoje parte de suas atividades profissionais. Na sede do AA de Minas Gerais, membros de grupos de AA estão envolvidos em diversas atividades profissionais ligadas ao desenvolvimento desta instituição e baseiam-se para o desenvolvimento destas atividades em preceitos da autogestão.

Sobre esse fenômeno, voltemo-nos ao que Dejours considera chamar de espaço público, ou espaço da palavra. Dejours reforça a importância de o trabalho possibilitar condições concretas de sublimação³. Para o autor, tal possibilidade só é possível pela instauração de um espaço da palavra ao espaço público. Esse processo consiste em existir no trabalho a possibilidade da palavra, da expressão autêntica do ser, da elaboração, da ressignificação, que irá ocorrer então nos espaços públicos da atividade laboral. A questão é que esse espaço tende a não ocorrer nos ambientes de trabalho. A falta de relações autênticas, o trabalho mecanizado e burocratizado, entre uma série de questões, inibe o estabelecimento do espaço público. Nas palavras de Dejours (1996, p. 171), “para resumir esse enfoque do sofrimento criativo, seria possível dizer que a transformação do sofrimento em criatividade passa por um espaço público na fábrica. Em troca, cada vez que o espaço público tende a se fechar, a criatividade estará ameaçada”, e o sofrimento patogênico instaurado.

O espaço da palavra, que propicia aos sujeitos a transformação do sofrimento em iniciativa e em elaboração criativa, Dejours o considera convencionar como um espaço público. Afinal, a ideia de um espaço da palavra significa a possibilidade da discussão coletiva, da inteligibilidade dos comportamentos. É pelo espaço da palavra que surgem conhecimentos sobre o trabalho real, que até então estavam ocultos pelo sofrimento e as defesas contra o sofrimento. Para a condução deste espaço, é fundamental a transparência, a confiança, a solidariedade, que irão operar na construção de espaços de reconhecimento e afiliação, espaços estes opostos ao individualismo e que coadunam com a construção do coletivo de trabalho. Fala-se aqui de uma condição diversa da técnica, fala-se da condição da **ética das relações de trabalho**. A condição ética constitui-se como condição necessária, apesar de não suficiente, para o estabelecimento das relações intersubjetivas entre os trabalhadores, que os permitam construir defesas coletivas contra o sofrimento e dar a estes a possibilidade da significação em sofrimento criativo.

³ A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetual e consiste no fato de o instinto se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual original. A sublimação corresponde ao processo que canaliza os impulsos libidinais para uma postura socialmente útil e aceitável; é a capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados (FREUD, 2006a, 2006c). Nesse sentido, Freud (2006b) ainda destaca que a sublimação, assim como a substância tóxica, também atua como uma técnica para afastar o sofrimento, pois possibilita deslocamentos de libido, reorientando os objetivos instintivos de maneira que eludam à frustração do mundo externo. Dessa forma, “obtem-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual” (FREUD, 2006b, p. 87).

É nestes espaços (como trabalhadora no AA, como membro de AA e no trabalho na empresa) que Rita inicia e dá continuidade ao seu processo de rompimento com a bebida alcóolica e com Lúcia, pelo fim da posição de empregada doméstica e da posição infantil mãe-filha engendrada nesta situação. A conquista da autonomia de Rita se constrói em sua busca de rompimento com estas três situações, que estão diretamente interligadas:

Saída da posição infantil parar de beber mudança de emprego

6. SOBRE A DROGA, O TRABALHO E A DIMENSÃO POLÍTICA

Conforme a reflexão sobre o caso de Rita, a ausência de espaços públicos no trabalho se relaciona ao fenômeno da intoxicação. Como base para esta discussão, expomos o trabalho de Karam (2003) sobre a questão da alcoolização. Para a autora, o fenômeno da alcoolização surge em seu aspecto patológico como um sinal de bloqueio da passagem do sujeito da esfera doméstica (eu-tu) para a esfera pública (nós). Ou seja, quando não há transformação da angústia original em processo criativo, quando não há elaboração da *palavra psicológica* à *palavra política*. Para tanto, Karam esclarece que é fundamental reconhecer não apenas a centralidade do trabalho para o homem, mas seu papel como operador de saúde mental através da promoção da cidadania no próprio local de trabalho.

Karam aponta questões importantes a serem consideradas ao se tratar do fenômeno do uso abusivo de álcool e substâncias psicoativas em geral. O primeiro é que há um caráter massivo do ato de se alcoolizar e que este está diretamente relacionado à suspensão da palavra no ambiente de trabalho; pela suspensão da palavra, o sofrimento originário não pode ser elaborado. Por ser relativamente barato e socialmente aceito, o álcool se torna a substância eleita pelos trabalhadores para o alívio imediato do sofrimento decorrente da suspensão da palavra; sua ingestão pelo grupo de trabalhadores fornece-lhes uma sensação falaciosa de pertencimento, proteção e coesão do grupo. Além disso, a ingestão de álcool configura-se uma forma coletiva de administrar o sofrimento, atuando como **estratégia de defesa coletiva**. A autora afirma que, mais do que uma estratégia de defesa, o álcool se configura como **ideologia de resistência**, abordagem essa ainda pouco estudada. Dessa forma, Karam expõe sobre a necessidade de se pensar a alcoolização massiva enquanto um trabalho clínico coletivo e diretamente relacionado ao sofrimento no trabalho.

Diante do exposto, o consumo de álcool pelo trabalhador se relaciona a uma impossibilidade deste de construção enquanto sujeito social, afinal, para a construção do cidadão, a palavra é fundamental. A construção de um sujeito social é interrompida quando se suspende a possibilidade de cada pessoa significar no coletivo o seu fazer, o seu ato transformador da matéria.

[...] tal descartabilidade, suspende, ao mesmo tempo, e em decorrência, o trabalho de se significar no mundo. Ocupar a boca, e até mesmo todo o aparelho fonador, com o álcool em vez da palavra, não deixa de ser uma forma de injetar linguagem lá onde a palavra não circula [...]. Assim, o recurso da adicção, abdicando da dicção, isto é, a afasia operária, surge, então, como uma forma de regressão a fases anteriores do desenvolvimento para fins de administração e sedação do sofrimento (KARAM, 2003, p. 472-473).

No caso de Rita, tal reflexão é bastante pertinente. Suas (im)possibilidades de construção enquanto sujeito autônomo no trabalho remetem às relações que ela estabelece com o álcool enquanto elemento de alienação, fuga de realidade, obtenção de prazer, estratégia de defesa, ideologia de resistência – defesa e resistência aos modos de exploração no trabalho. Vale ressaltar também a ausência de diálogo na esfera familiar, na qual a mãe se sente incapaz de expressar seu amor e o pai se mostra inepto para ouvi-la entender suas falhas, expulsando-a de casa quando engravida. Essa situação se estende à esfera do trabalho, pois Lúcia, a patroa, a acolhe, mas também não lhe dá a palavra e, por diversas vezes, ao pressentir o abandono de Rita, que pretendia sair do emprego, se antecipa dizendo algo de modo a calar a sua fala e o seu desejo. Em relação às duas esferas, o álcool se coloca como substituto da oralidade reprimida no discurso. No âmbito do AA, Rita restabelece sua posição de sujeito que tem a palavra, e o mesmo ocorre no emprego na empresa, onde tem oportunidades mais frequentes de se expressar.

Outro conceito importante na discussão entre sujeito e trabalho refere-se à ideia de mobilização subjetiva, proposta por Dejours. O conceito de mobilização subjetiva remete às possibilidades de negação do trabalho, que repousa no distanciamento existente entre trabalho prescrito e trabalho real, e nas possibilidades de enfrentamento dessa situação pelos trabalhadores, pelas condições de negação da realidade das dificuldades que essa distância lhes causa.

A mobilização subjetiva não é algo prescrito na organização do trabalho, mas sim algo que é vivenciado de forma singular por cada trabalhador. Por este movimento, o sujeito é capaz de transformar o sofrimento patológico através do resgate do sentido do trabalho. Esse resgate ocorre na possibilidade de ir além do trabalho prescrito, e assim imprimir à atividade uma criação e elaboração próprias ao trabalhador, por sua capacidade imaginativa e de invenção. Além disso, para que a mobilização subjetiva

ocorra é necessária a cooperação entre os sujeitos, que se dá por vias de um registro ético e de comunicação, a partir do estabelecimento de um espaço público.

Ademais, a mobilização subjetiva permite uma concepção de trabalho vinculada aos processos sublimatórios e à transformação do sofrimento (MENDES, 1995). Ela representa a possibilidade de elaboração do sujeito no trabalho e do resgate de um sentido na atividade. Tal possibilidade se configura de modo positivo na toxicomania, visto suas características sublimatórias e de significações autênticas para o indivíduo, o que implica na conquista de uma identidade individual e na atuação de um sujeito autônomo, e não autômato.

Pela mobilização subjetiva, o trabalho resplandeceria para o sujeito toxicômano como um meio de elaborações psíquicas pela atividade, que permitiriam um redirecionamento do objeto/droga enquanto objeto da pulsão para um outro objeto/lugar, o trabalho. Desse modo, o trabalho se caracterizaria como espaço de satisfação sublimação, na medida em que o sujeito transfere sua energia pulsional, até então fixada na droga, para outras relações sociais. Esse processo envolve uma real mobilização do sujeito, espontânea, uma participação ativa e criativa, que é necessária para a criação de sentido na atividade.

Em um sentido político, também é possível inferir sobre os processos de mobilização subjetiva desenvolvidos por Rita, especialmente nas atividades com o AA, conforme já destacado, e mesmo em seu emprego na empresa, que já lhe permite outros campos de significação para além daqueles restritivos relacionados ao trabalho como doméstica.

7. À GUIA DE CONCLUSÃO: RITA E A(S) ORGANIZAÇÃO(ÕES)

A história de Rita nos permite trazer para o debate uma série de questões. Sobre a relação entre a toxicomania e o trabalho, o que observamos é que são dimensões diretamente interligadas, e que a compreensão de uma dá sentido à outra e vice-versa. Também observamos que ambas as dimensões apresentam a dialética prazer-sofrimento, que atravessa tanto as vivências com o trabalho como as vivências com as drogas, no caso de Rita, o álcool. Conforme destaca Mendes (1995, p. 38), “o estudo dos aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho não pode desprezar que as vivências de prazer-sofrimento decorrentes da organização do trabalho são dialéticas, e por isso não podem ser estudadas separadamente”. Essa dialética também permeia a vivência com a

droga, que atua de maneira complexa enquanto fonte de prazer e de sofrimento nas construções psíquicas do sujeito.

Sobre as vivências de prazer e sofrimento experienciadas por Rita, destacam-se ainda as relações que ela estabelece com a(s) organização(ões) de trabalho. Mendes e Araújo (2011) apontam que a condição de sofrimento é estimulada e potencializada pelo modo de organização do trabalho originado da flexibilização do capital. As autoras destacam que esses cenários corroboram com a manutenção do princípio de prazer, do que nele há de produção de subjetividades narcisistas e/ou perversas, que têm dificuldade para lidar com o sofrimento inevitável do confronto com o real do trabalho. A dificuldade desse confronto irá culminar em defesas e patologias que serão acionadas para fazer frente a essa situação, como a sobrecarga, a violência e a servidão. Trabalhos precários e outras diversas situações adversas podem também desencadear nos mais diferentes sujeitos, independente dos princípios pelos quais seu psiquismo está sendo regido, defesas e patologias similares às acima citadas. Para a compreensão dessa dinâmica, é importante analisar a articulação entre psíquico e social e explicar de que forma a organização de trabalho colabora para que o sujeito se constitua em sua identidade. “A organização do trabalho pode neurotizar os sujeitos, assim como os neuróticos podem ser salvos ou arruinados pelo trabalho” (MENDES; ARAÚJO, 2011, p. 32).

No caso de Rita, percebe-se a organização (seja do trabalho como doméstica, seja em sua atividade de emprego atual) enquanto suplência a outras situações primárias ligadas a suas carências afetivas familiares. Mendes e Araújo (2011) abordam a questão do desamparo e da servidão nas organizações de trabalho. O desamparo se relaciona à necessidade do outro e diz respeito a características próprias das subjetividades dos sujeitos, que tendem a ser negadas na contemporaneidade, época que estimula o individualismo e a solidão. O que ocorre no caso das organizações é que estas prometem ao trabalhador não desampará-lo em troca da sua servidão. Assim, o trabalhador se aprisiona na organização em troca de sua proteção, “que muitas vezes remete à ideia do paraíso perdido ‘por sua majestade, o bebê’, como dito por Freud” (MENDES; ARAÚJO, 2011, p. 39). No caso de Rita, sua submissão e sua servidão às organizações de trabalho com as quais ela se deparou ao longo de grande parte de sua vida, com destaque para o trabalho como empregada doméstica, são frutos de sua busca pelo não desamparo, para não ser novamente abandonada, como no passado, por sua família, que a expulsou de casa.

A busca pelo não desamparo da organização remete a outra situação na qual o sujeito “se torna prisioneiro em um paraíso ilusório, no qual o ego ideal equivale a um

‘ego organizacional’” (MENDES; ARAÚJO, 2011, p. 29). Tal situação também esclarece as relações de Rita com a organização, pois, para não ser desamparada, busca obedecer aos exigentes padrões do ego ideal – no caso da cena de trabalho, ao ego organizacional. Essa questão refere-se a sua busca de responder o mais fidedignamente possível às exigências das patroas e de tentar permanecer no ideário que elas construíram a seu respeito (característico da relação mãe-filha). Nesse cenário, é também possível entender um dos papéis da bebida em sua vida: válvula de escape às interposições de um superego altamente exigente, característica do sujeito neurótico, bem como substituto oral do que lhe foi silenciado.

Enfim, gostaríamos de destacar também a metodologia de história de vida utilizada neste artigo. Nesta, conforme já ressaltamos, nosso material de destaque foi a história de Rita. Essa via nos permitiu o aprofundamento necessário para a compreensão da problemática apresentada e, por fim, para o entendimento das inúmeras possibilidades de relações que os indivíduos podem ter, não apenas com as organizações de trabalho, mas com as organizações sociais em geral (o que inclui a família e demais grupos sociais), organizações estas que o cercam, habilitando ou interditando suas transformações enquanto sujeitos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, V.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, E. M. de (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Vitória: Edufes, 2014, v. 1, p. 41-63.
- CARNEIRO, H. S. As drogas e a história da humanidade. *Psicologia Ciência e Profissão. Diálogos*. Ano 6, n. 6, nov/2009.
- DEJOURS, C. *Addendum* Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho (1993). In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro/Brasília: Editora Fiocruz/Paralelo 15, 2008.
- DEJOURS, C. A metodologia em psicopatologia do trabalho (1987). In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro/Brasília: Editora Fiocruz/Paralelo 15, 2008.
- DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J. (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1996.
- DEJOURS, C.; MOLINIER, P. O trabalho como enigma (1994). In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro/Brasília: Editora Fiocruz/Paralelo 15, 2008.
- FERRAROTTI, F. **Histoire et histoires de vie**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990.

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XVI. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006a (Trabalho original publicado em 1910).

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XXI. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006b (Trabalho original publicado em 1930).

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XIV. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006c (Trabalho original publicado em 1914).

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

KARAM, H. O Sujeito entre a alcoolização e a cidadania: perspectiva clínica do trabalho. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 25 (3), p. 468-474, set./dez. 2003.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise** / Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MENDES, A. M. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: As contribuições de C. Dejours. **Revista Ciência e Profissão**, v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995.

MENDES, A. A.; ARAÚJO, L. K. R. **Clínica psicodinâmica do trabalho**: práticas brasileiras. Brasília: Ex Libris, 2011.

MOLINIER, P. **Les enjeux psychiques du travail**. Paris : Éditions Payot & Rivages, 2008.

MOLIVI, P. R. S. **Álcool e Drogas no Trabalho**. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/alcool-e-drogas-no-trabalho/12188/>>. Acesso em: 09 abr. 2011.

OLIVEIRA, M. B. **Leitura analítico-comportamental da proposta de intervenção terapêutica em entrevista motivacional para dependência química**. 2007. 107 f. Monografia (Especialização em Terapia Comportamental) – Programa de Pós-Graduação em Terapia Comportamental, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

Fernanda Tarabal Lopes

Doutora em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Ana Paula Paes de Paula

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-Doutora em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV). Professora Titular na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).